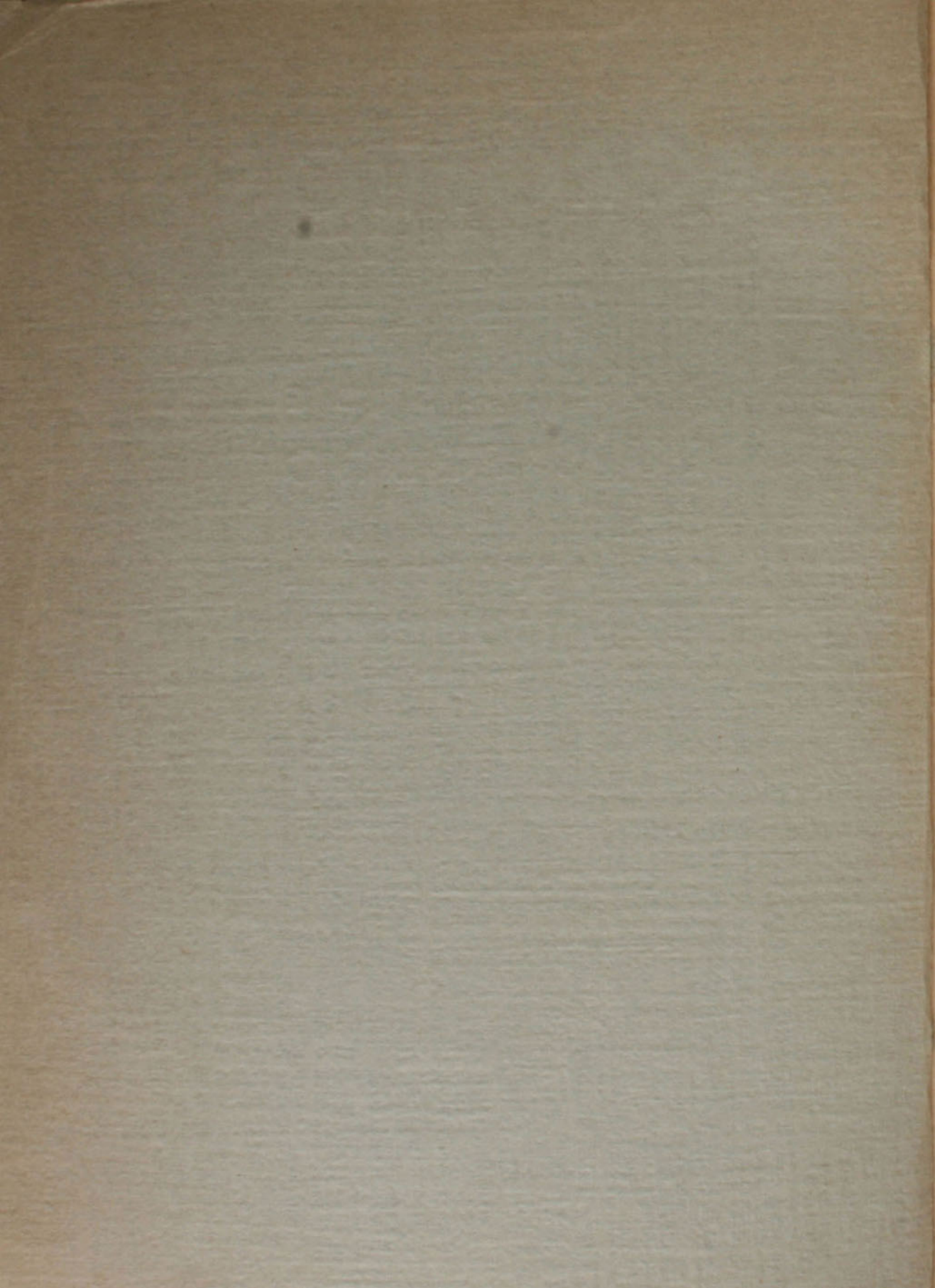


ACRÓNIOS

POEMAS DE
LUIS PEDRO

COM PREFACIO DE
FERNANDO PESSOA

1 9 3 2





Para Fernando Torres,
of. esta lembrança
cheio de admiração.

[Handwritten signature]

$\frac{6}{2}$

ACRÓNIOS

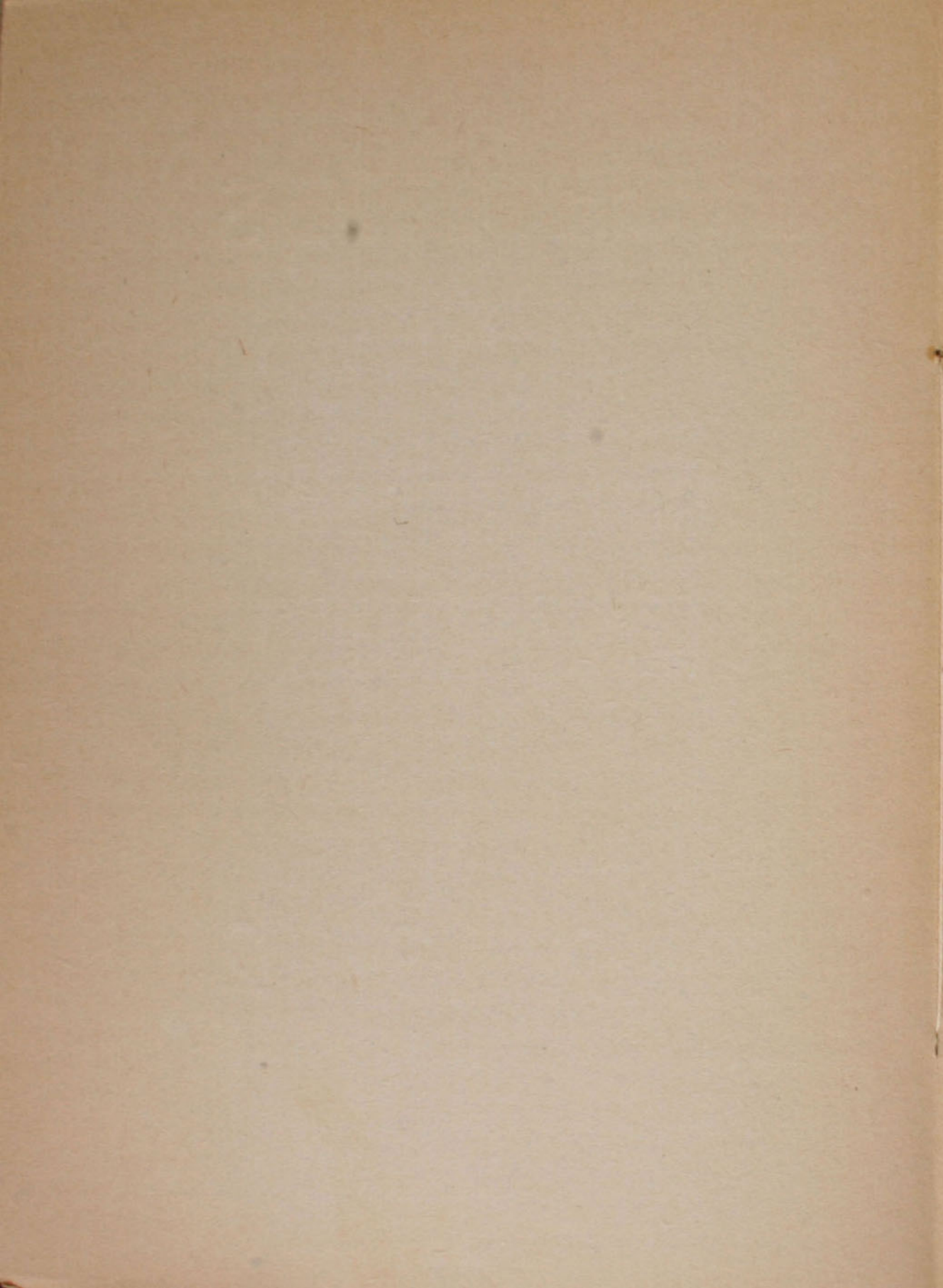


ACRÓNIOS

P O E M A S D E
L U Í S P E D R O

C O M P R E F Á C I O D E
F E R N A N D O P E S S O A

1 9 3 2



PREFACIO

O progresso da poesia, isto é, o das fórmulas poeticas — pois da mesma poesia, que é a verdade viva, não pôde haver progresso, nem Homero foi ainda superado —, obedece àquella dura lei a que todo progresso obedece; em outras palavras, é um caso particular de um phenomeno geral. Designa-se por progresso a aquisição de uma coisa que é uma vantagem social por meio da perda de outra coisa, que era uma vantagem social tambem. É caso typico o da formação da Europa moderna: surgiu atravez da criação, diversa e colorida, das nacionalidades distinctas; resultou na perda do influxo romano e do uso universal da lingua latina, pelos quaes as nações de Europa tinham naturalmente a fraternidade que hoje se busca em vão, porque artificialmente.

As fórmulas poeticas, a dentro da nossa civilização—isto é, da Grecia até nós—, atravessaram trez estadios distinctos: o estadio quantitativo, da poesia grega e latina, em que o *rhythm* se fundava na quantidade das *syllabas*, presuppõdo e exigindo uma exactidão e musicalidade de dicção e pronuncia que hoje nem sequer concebemos; o estadio *syllabico*, em que o numero das *syllabas* no verso, a *accentuação*, e artificios como a rima e a *strophe* rimada faziam por compensar a perda da antiga precisão quantitativa; o estadio *rhythmico*, em que se não cura de quanto seja regra, ou o pareça, mas se reduz a poesia, tamsõmente, a uma prosa com pausas artificiaes, isto é, independentes das que são naturaes em todo discurso e nelle se indicam pela pontuação.

admirar a natureza
grace
lira
trabalho
veja

Cada estadio, ou, antes, cada fôrma pela qual cada estadio se distingue, tem, como tudo, vantagens e desvantagens. A poesia quantitativa, apertadissima, obrigava todavia a uma disciplina verbal de tal ordem que se reflectia no mesmo pensamento; porisso a poesia grega e latina é de uma notavel clareza e limpidez. A poesia syllabica, menos apertada, se dissolve a disciplina do pensamento, mantém comtudo a da emoção; é preciso sentir claro, por obscuro que se pense, para lançar equilibradamente o movimento strophico, alinhando e rimando. A poesia rhythmica nem disciplina a intelligencia nem a emoção, a não ser que estas estejam disciplinadas em, e por, si mesmas; segue, porém, todos os movimentos do espirito, como a sombra os do corpo, mas, como esta, se nos não precavermos no onde estamos, com grandes e desmedidas distorsões. A primeira estorva a emoção em proveito do pensamento; a segunda estorva o pensamento em proveito da emoção; a terceira a ambos estorva, ou tende a estorvar, em proveito do que, transcendendo pensamento e emoção, é a mesma individualidade.

accentual

6 É regra de toda a vida social que, quanto mais liberdade nos é dada, menos podemos dar a nós mesmos. Se me fecharem num subterraneo, tenho liberdade de fazer muita coisa sem risco de cahir do telhado abaixo. No telhado, em pleno ar livre, tenho que ver melhor onde ponho os pés. A vantagem e desvantagem da poesia rhythmica, ou livre, é que ella exige de nós que nos disci-

plinemos com uma força e uma segurança que as poesias menos livres nos não exigiam, pois ellas mesmas tinham em si com que disciplinar-nos. Isto é vantagem porque a disciplina assim adquirida é mais intima e profunda; é desvantagem porque é muito mais difficil de adquirir.

O livro de Luiz Pedro, a que estas considerações abstractas servem de breve prefacio, é escripto quasi todo em verso puramente rhythmico; e a tal ponto isso é natural em seu auctor que aquelles mesmos poemas, que são compostos em verso que elle quere que seja regular, abundam em fugas e dissonancias, o que aliás já succedera ao meu velho amigo Alvaro de Campos, no «Opiario» que precedeu a emergencia rhythmica da «Ode Triumphal».

Para livro de quem principia, o de Luiz Pedro é bom principio. Depois de o escrever, o que lhe compete é investigar o seguinte: se a poesia livre, em que o livro é composto, representa uma incoordenação a que ha que dar, mais tarde, uma disciplina externa; se uma coordenação imperfeita, em que ha que formar, mais tarde, uma disciplina interna.

Diz-se que todos os caminhos vão dar a Roma; mas, se assim é, alguns hão de ir para lá muito tortos. Ha dois caminhos direitos entre dois pontos: o que vae de um ponto ao outro em linha recta; e o que dá a volta ao mundo até chegar lá, em complemento da mesma linha. Figura o primeiro, no caso presente, a poesia livre;

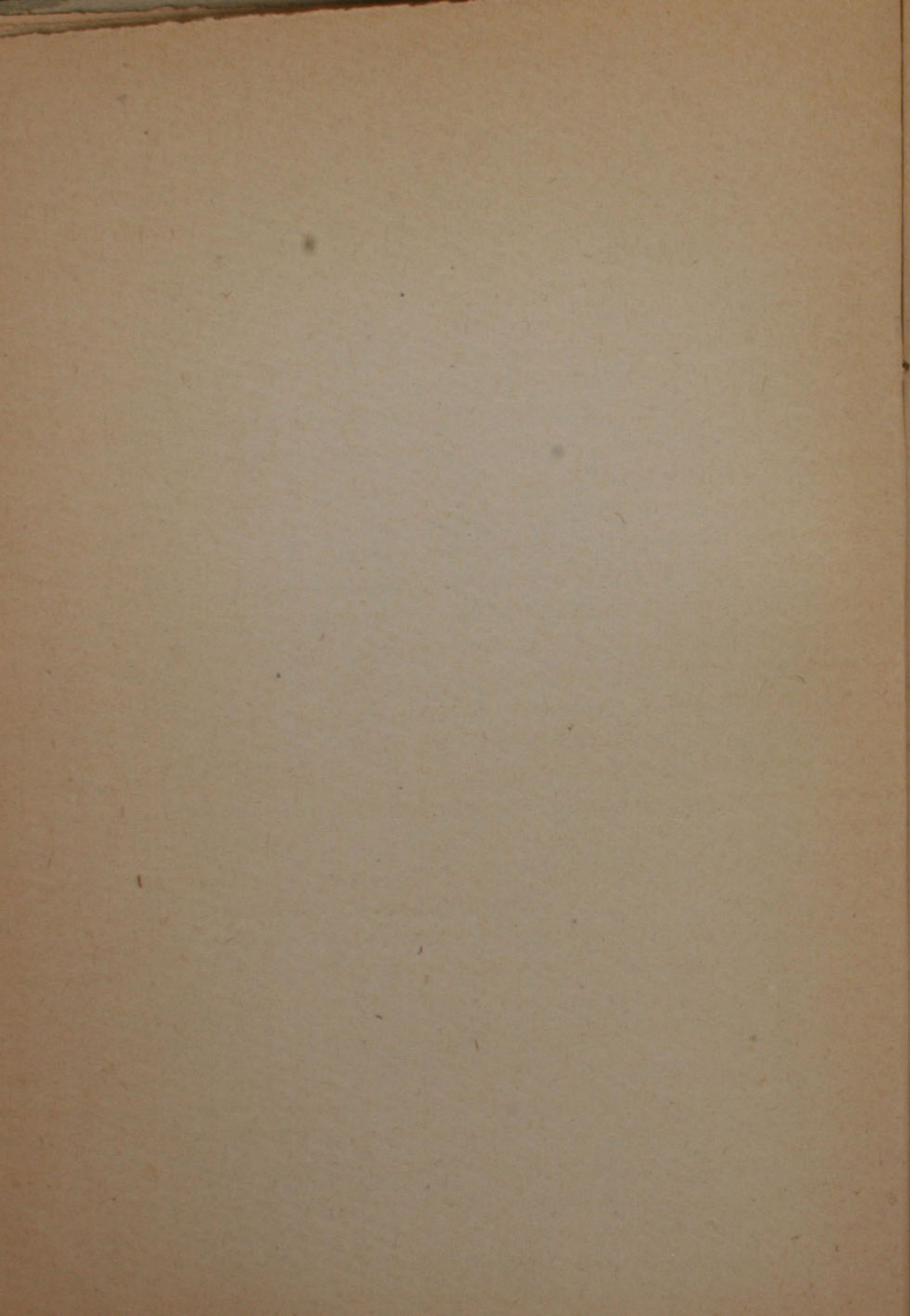
he

figura o segundo a poesia presa. O segundo é mais facil, porque dá mais espaço para se dar por elle; o primeiro é mais difficil, porque temos que estar certos desde o principio.

São estas as considerações que submetto a Luiz Pedro, que m'as pediu. Submetto-as tambem a varias outras pessoas, que se esqueceram de m'as pedir.

FERNANDO PESSOA

ACRÓNIOS



P O E S I A

QUANTO mais procuro
encontrar-te,
mais fico seguro
de que é impossível
alcançar-te.
Os olhos da fantasia
dizem-me que te alcance
e agora só queria
meter-me na realidade
e estar certo de que és intangível.
Será verdade
que alguém chegou a ti?

Duvido. E sempre duvidarei
que alguém chegue ao Ali-
dum espaço que não sei.

E daí

talvez não seja espaço
o que leva ao pé de ti..

(Ninguém sabe o que é)

Não me embaraço
quando quero atingir-te,

e tudo para quê?

Para poder chegar

a um lugar

que ninguém sente

e que a gente

não vê.

M U S I C A

NUMA sonolencia vaga
que apaga
os meus velhos sentimentos,
sinto-me imaterialisar
ao escutar
fragmentos musicais,
orientais,
que me enchem a alma
que assim cheia
ondeia
ao som das notas vibrantes
penetrantes

que escuto inconscientemente.
E sinto-me levar
fatalmente
a sonhar
com paragens de cenário
num reino imaginário
do Levante.
Num letargo
amargo
olho, distante,
os sons que me perturbam
e vejo cores diferentes
nos pontos
da minha imaginação
sensível
que são
o nível
da minha inspiração.

SOB A IMPRESSÃO DA MÚSICA
D E B O R O D I N E

PASSA a Caravana dos meus pensamentos
no deserto da minh'alma idealizado.

Caminho sôbre o pêso dos momentos
e cada instante fica em mim gravado.

A horda entoa canticos. A passos compassados
passa o cortejo cada vez mais misterioso:
segue-se o desespero após o gozô
e vão todos disciplinados.

Mas ao alcançar o oasis previsto
já novos horizontes eu avisto
e a caravana fica irrequieta.

Já ninguém reconhece as vozes de comando.
Deixou de haver a Ordem, e o bando,
dispersado em mim, fez-me poeta.

S É C U L O 2 0

Mas para que ninguém saiba o que eu sei,
mentirei!, mentirei!, renunciarei!

josé régio

TUDO me envilece. E o cinismo avança
a mascarar meu rosto de adolescente.
Minh'alma descalabros só presente,
toco música por dentro e o meu cérebro dança.

Essa dança atinge o holocausto
e, rindo sempre, nunca sou sincero.
Tenho mil caprichos, não sei o que quero,
o cérebro está cansado e eu exausto.

Tento ainda deixar esta existência
mas uma voz que vem da inconsciência
quere que continue na vida que abomino.

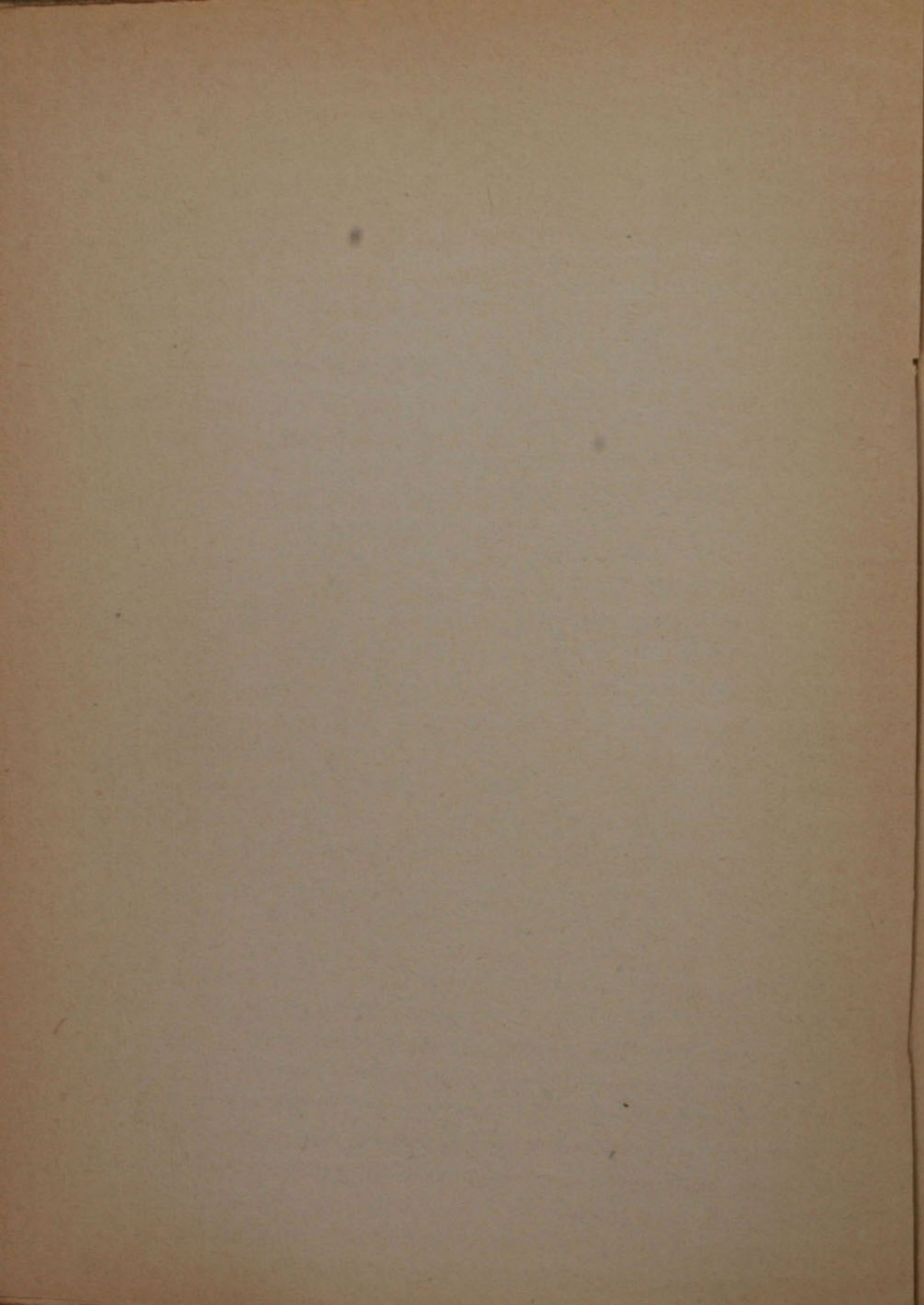
Quero ser outro. Tenho os nervos já estragados.
Olho ao redor, só vejo os meus pecados.
É bem implacável o destino!...

Q U E I X U M E

ASSIM não sei viver!
Não posso
compreender
a vida assim,
suspensa,
fóra de mim.
Ninguém pensa
nem vê
nem sente
como eu ...
E para quê?
A gente não compreende

nem entende
a vida como eu queria,
dentro de mim...
Por que via
eu vim
dar ao mundo provas de que não penso?
Não devia ter nascido
onde tudo é descabido,
mediocre, burguez.
Se em vez
de homem
eu fôsse qualquer coisa irreal
as mágoas que me cosoem,
mortal,
talvez existissem,
mas numa esfera completamente
diferente,
onde me vissem
tal qual sou,
20 em toda a minha amplitude...

É que lá
não há
nem vício nem virtude
e, sem haver sol,
há luz.
Eu sou um girasol
de estufa
que nasceu numa seara:
quando alguém
passa por mim,
ninguém
me verá, assim,
uma flor bem rara.



S O N E T O D A F É

TENHO saüdades do Longe donde sei que vim
e choro, com a cabeça entre mãos, à beira mar.
Tenho a impressão de partir e nunca mais voltar,
mas mal eu abro os olhos caio em mim.

Que me importa hoje, se um dia hei-de chegar
aonde sei que se encontra o meu fim?
Não perderei a esperança, irei assim
na impressão de nunca mais voltar...

Para lá destes logares banais que conhecemos,
sem as imperfeições que todos temos,
serei o Rei do meu país ideal.

Entre incensos, amor e melodias,
hei de perder o sentido dos dias
vivendo o meu eterno Carnaval.

CONCEPÇÃO ESPIRITUAL DA SENSUALIDADE

teoria em sonho

E U vou acompanhando o ritmo macabro
da dança de S. Vito e adormeço.

Tudo foge de mim e assim esqueço
a turba que me invade em descabro.

Já deixei de pensar e nesta inconsciência
eu balbucio frases sem sentido
e começo a saltar, de todo adormecido,
por sobre os marcos da minha existência.

Atravesso o passado e no presente
me estanco. Como num conto de fadas
muda-se o cenário de repente :

Estou entre as virgens dum harem islâmico
e enquanto dansam, todas ritmadas,
meu corpo sobe e torna-se balsâmico.

P O E M A D A C A R N E

E SPERAVA-TE, meu amor,
semi-nua,
deixando ao teu dispor
a luz da lua
e o meu corpo em flor.
Esperava-te, perfumada,
recostada
num canapé antigo
e tu, talvez pensando noutra,
não vieste ter comigo.
Os meus seios com que te delicias
dei-os a outro, cheia de desejo

e quando me deu o seu primeiro beijo
mandei-lhe preparar os vinhos que aprecias.
Mas não me chames adúltera, ouviste, amor?
Foi um capricho apenas. Quando aquele
que me estreitava a si me chamava só sua,
eu não era dele,
era tua.

POEMA DO PÔR DO SOL

ao eugénio de freitas

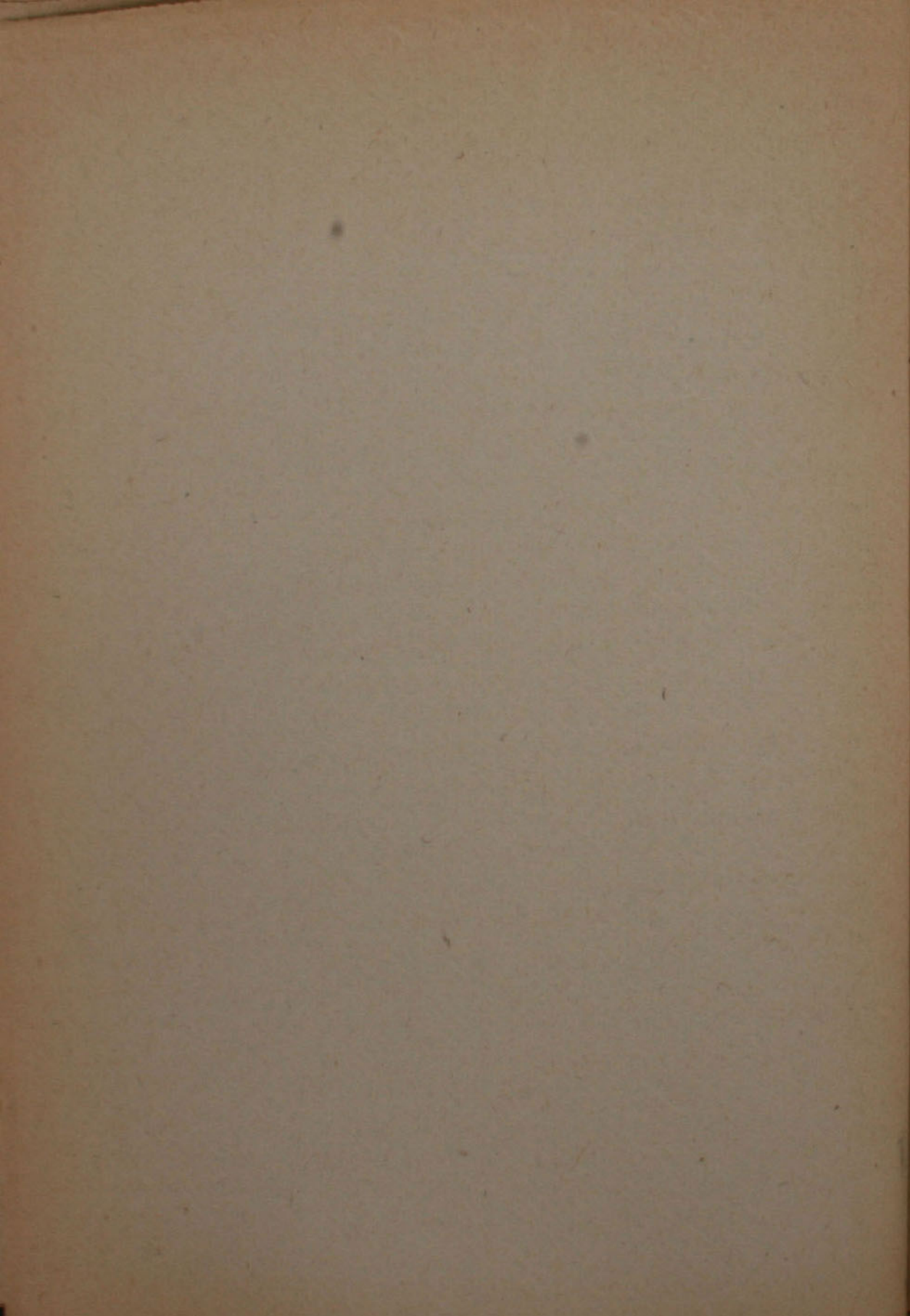
CANTA um poeta decadente
ao pé dum lago,
vago,
de águas de cristal,
uma canção plangente,
dissolvente,
murmurada lá dentro.
Ao pé do lago de cristal
só estava o poeta decadente
que entoava melodias
todos os dias
à hora do poente

no lago,
vago,
de águas de cristal.
E cada canção
banal
que entoava o poeta dissolvente
embalava a gente
como se fossemos meninos
encantados com a música
daqueles hinos,
embalados e tristes
que entoava docemente
e poeta decadente.

Um dia o poeta não cantou
e o lago deixou
de ter as águas cristalinas
e secou
e começou
a deixar crescer ervas.

30 Cresceram as boninas

e os malmequeres
no ex-lago de águas de cristal
em que um poeta decadente,
com cinco mulheres,
cantava a todas elas melodias
todos os dias
à hora do poente.

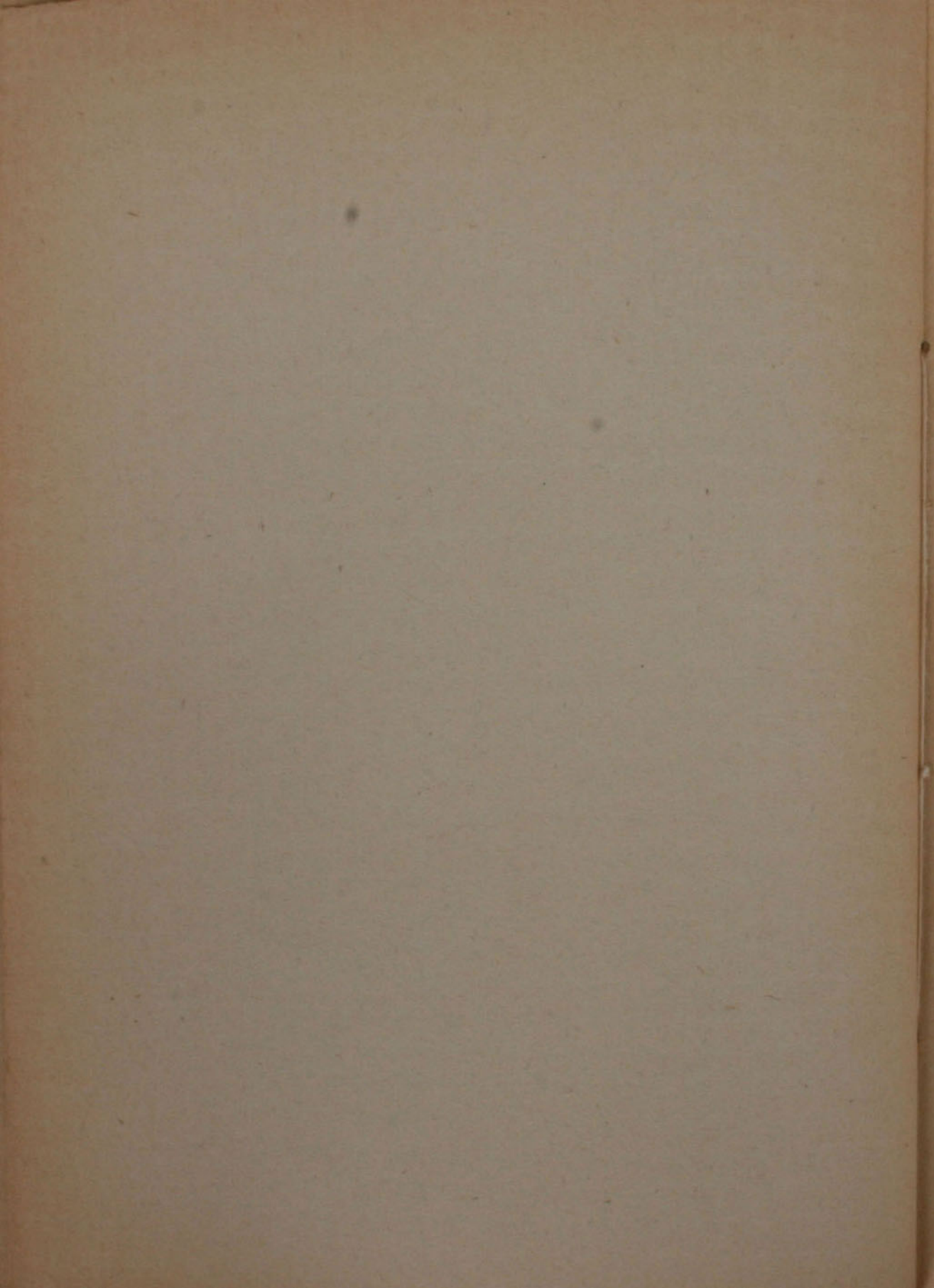


POEMA DO MAR-EM-MIM

| A sulcando o mar
a navegar,
sem rumo,
um barco a vapôr.
O fumo
que saía das chaminés
diluía-se no horizonte
e as nuvens que saíam
pareciam
Moisés
a receber as táboas da lei.
Não sei

porque motivo
o barco navegava
e sulcava
um mar imenso,
calmo, fácil prosaico.
Ao pé duma olaia
no mirante
eu via a praia
e, logo além,
o barco a vapôr,
distante,
que vem
desgorvenado.
O Vapôr da minha alma
vem sósinho
no caminho,
sulcando a corrente calma
de tudo àquilo que é igual.
E do mirante

distante,
a vêr o vapôr sulcar
devagar,
vejo minh'alma
separada
de mim.
Navega desgovernada
e nunca chega ao seu fim.



«A TRISTEZA DE NUNCA
S E R M O S D O I S»

mário de sá-carneiro

A fernando pessoa

E u sou o reflexo do alem
sôbre mim.

Distante e perto de ninguém,
assim,

eu sou sombra e realidade,
penumbra e espectro. Sou tudo
fóra da homogenidade.

Porque canto, mudo,
o que há-de

mostrar

ãquilo que só eu sou,
sinto-me afastar

para um lugar
que ninguém
alcançou
aquem.
Outro de mim permaneço
no lugar inicial.
Com sono, não adormeço
porque, outro, faço ruídos.
Embebedo-me de ideias
para conseguir um fim.
Com os sentidos
adormecidos,
assim,
fico mais perto de Mim.

POEMA DO CAMINHO PERDIDO

— **Q**UE me importa o teu parecer altivo
se no fundo sei que nada vales,
corpo conspurcado que equivaless
a um quadro realista sem motivo.

— De ti me afasto o mais que pode ser
e sigo sósinho o caminho dos dois.
Pode ser que chegue só, depois
lá do alto não te hei-de esquecer.

—Dir-te-hei adeus com as minhas asas
e tu, ardendo em tuas próprias brazas,
bramirás de ódio ao ver-me Lá.

E o espírito quiz seguir sósinho.
Como ia só, perdeu-se no caminho
e ficará eternamente cá.

U N I V E R S O

ao francisco bugalho

MÚSICA russa e almofadas no chão
e eu, trazendo-me na mão,
recito no quarto os versos que me fiz.
As janelas estão fechadas
que eu não quiz
que a tempestade de fóra
me viesse perturbar.
Um relógio irreal soa, hora
após hora
e, sem me cansar
continuo a recitar
a mim

enquanto, no seu jardim,
as flôres que plantei
levou-as o temporal.
No outro dia, quando acordei
abri as janelas, e achei
que por dentro e por fóra eu era igual.

SONHO DE POETA

L AGOS com cisnes
num jardim
de setim
na região do sonho.
Um cavaleiro
altaneiro
passa a galopar.
e desaparece a galopar.
Minh'alma converge
para o cavaleiro
e êle fica maior.
Lagos com cisnes

num jardim
de setim
na região do sonho
Numa janela
uma donzela
vê-me, imaterial.
Quem é ela?
Muito natural,
ri,
perfeitamente calma.
Não te conheço a ti
gritei.
—Eu sou a tua alma!
E eu fiquei
com um parecer medonho
e o jardim
que era de setim,
foi o fim
do meu sonho.

POEMA DO SUDOESTE

ao antonio pedro

E RAS tu? Não sei...
Teu olhar era triste e tão diferente
que dir-te-hia ausente...
Serias tu? Não sei...

Estavas tão erma e triste a soluçar,
sentada no mirante a ver no mar
as corvetas e galeras de El-Rei...
Parecias mesmo tu? Eras?

Não sei!

Se eras tu porque me não falaste
quando por ti chamei?

Se não eras, porque me perturbaste?

Serias tu?

Não sei.

BALADA DE NOVEMBRO

NESTES dias
em que as pálpebras pesadas
fazem ouvir
dentro de mim
contos de fadas,
sonho, meio a dormir
meio acordado
com um príncipe encantado
no palácio do Porvir.
Antes que o tédio me alcance
eu prefiro que o sono avance
para continuar
a sonhar

com a história que me estou contando.
E vendo a luta,
bruta,
que se está travando
entre o nédio
tédio
e o sono, que vem libertar-me,
a tatear
vou procurar
a campainha de alarme,
para levantar
do letargo a que estão
em vão
meus sentimentos votados
pelo ópio dos meus pecados.
E nesta indecisão
prolixa
que me leva a nada ver,
calculo a hora prefixa
em que o tédio há-de vencer.

SONETO DO DESALENTO

À porta do Tédio a minha mão bateu
um dia e fui recebido como um rei.
Aferrolharam-se portas e fiquei
prisioneiro do Tédio, que me recebeu.

Todas as tardes eu desfolho a Lei
à sombra da qual o Tédio me prendeu:
—És o prisioneiro de quem te recebeu,
eternamente te capturei.—

Encerrado na t rre inatingivel
que do meu fim parece ser o nível,
eu tenho a impressão de ter chegado ...

Passam as nuvens ao redor de mim
e porque sei que não acho o meu fim,
abro os olhos e fico desesperado.

M E D I T A Ç Ã O

○ UVI cantar-te um dia à beira-mar
e imaginei que não cantasses mais,
voz que dentro em mim estás a cantar
a melodia dos meus ideais.

E eu fico a ouvir-me, quando canta a voz,
enternecido por cantar tão bem
e fico longamente ouvindo a estranha voz,
embebeda-me o éter que ela tem.

A minha voz, que canta só para mim
e que há de ser só minha até ao fim,
é a única amante que me interessa.

Alheio a tudo, quando estou sósinho
sinto a voz cantar, devagarinho,
e espero que meigamente me adormeça

A N C I E D A D E

a tristeza duma ancia impotente de infinito
antero do quental

A l, quem me dera subir
até mais alto do que tu,
mais alto do que o sol.
Já me sinto torpe, mol,
e não te pude alcançar . . .
Eu quizera chegar
ao pé de ti
e depois descer
num para-quedas seguro.
Mas eu não posso voar! . . .

Vagueio no escuro
dentro de mim,

de mim e de ti,
e não consigo voar,
alcançar
o lugar
onde foste parar!

Se eu pudesse voar . . .
Mas eu não vôo, e vagueio
na escuridão de ti e de mim.
Vagueio e não te sinto
mas vejo-te lá no fim
e não te posso alcançar.
Tenho asas irreais
que procuram cortar
o ar
de ti e de mim.

SE EU CHEGASSE...

CHEGUEI ao fim do caminho desejado
e encontrei-A tal qual como sonhára.

Havia tanto tempo A procurára,
porem em vão A tinha procurado...

Mas no dia em que cheguei ao fim
do caminho dos dois, achei-A
e o nosso pensar, fundido, ondeia
ligando-A infinitamente a Mim.

Mas porque somos só Um, procuramos
um terceiro que também alcançamos
e caímos os três nesta desdita

de que alcançamos tudo quanto queremos
e queremos alcançar tudo o que vemos
porque a minha ambição é infinita.

I N S O N I A

ao theotónio pargana

ANTES que amanheça
e que eu esqueça
velhas histórias de fadas
e princesas encantadas
quero começar
a dormir
para sonhar
com o que está para vir,
com o que há-de voltar.
Tenho a cabeça pesada
e a inteligência
falsificada

por Schopenhauer e Kant.
E nada me permite
que me levante
ou que dormite
uns escassos cinco minutos.
Os meus nervos dissolutos
cantam poemas à Carne
e eu não durmo nem estou acordado.
Ao querer levantar
o embrulho pesado
das ideias a pesar
em cima de mim, sósinho,
tento deixar
de pensar
e julgo que bebi vinho
à hora de me deitar.

R E M I N I S C E N C I A

ao manóel de mello

DENTRO em mim
acrobatas imateriais
cabriolam,
fazem pinos e rebolam
nos meus trapésios mentais:
São os neurones aos ais
fingindo que estão a rir...
Nessa vertigem louca
eu bem sinto os acrobatas
que parecem andar de baloiço:
há uns que andam de gatas
e dão gritos que não oiço

embora apure os ouvidos;
Tenho os neurones partidos
e os acrobatas
já andam de gatas
porque os trapésios estalaram
sem eu dar por isso.
Como num feitiço
as cabriolas cessaram,
os ginastas abalaram
e os gritos acabaram.
Num acaso do destino
dentro de mim só ficaram
saúdades de ser menino.

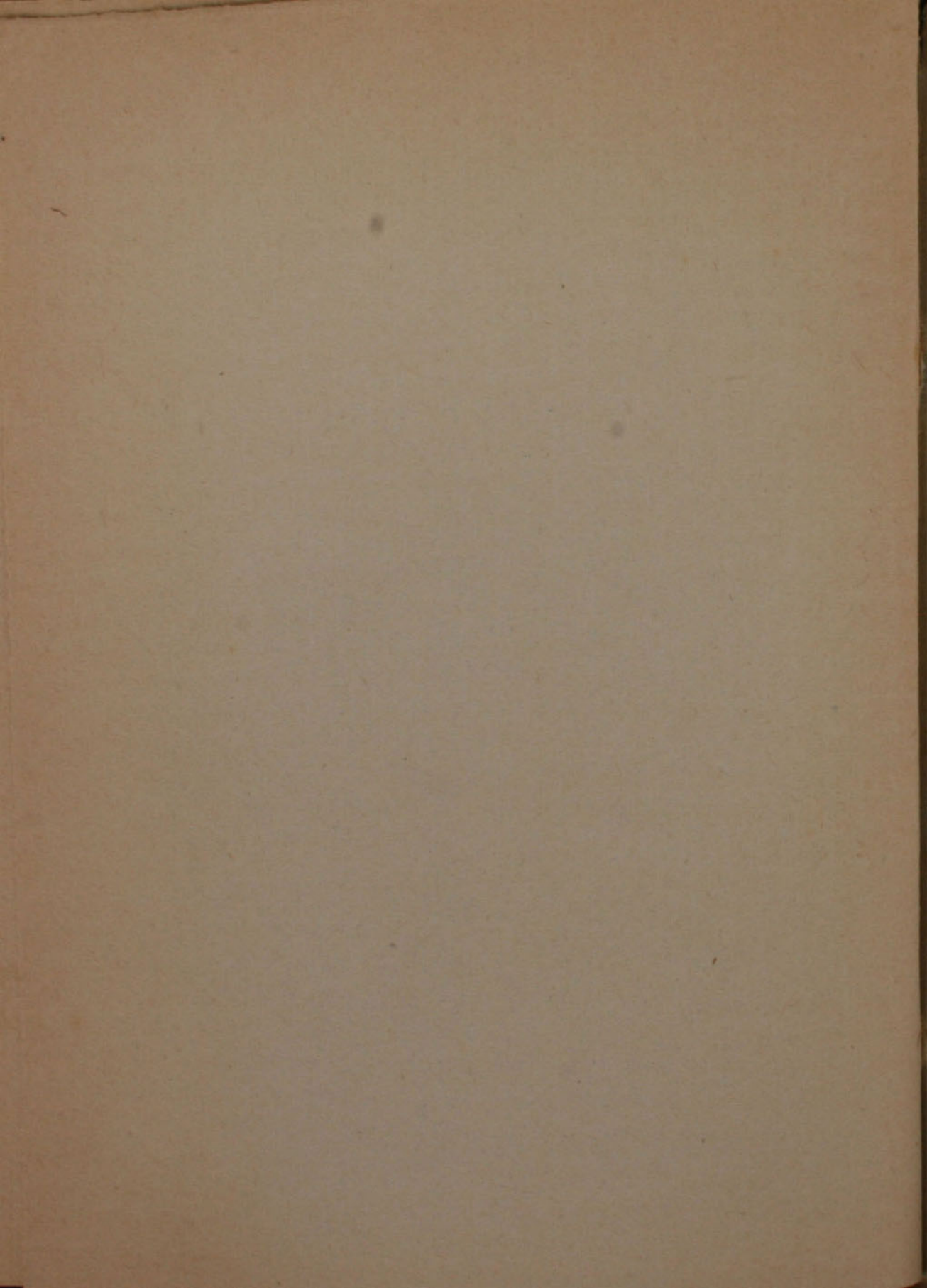
BALADA DA CELEBRIDADE PÓSTUMA

No tempo em que vivi
eu vi
que era indiferente
àquele mundo que jamais entendi:
a toda a gente.
Permaneci
sempre diferente
de tudo o que é fácil
e acessível.
Vivia
num outro nível
onde via

tudo e todos
muito em baixo.
Hoje, porem, eu acho,
infelizmente,
que descii
ao nivel daquela gente
que em vida nunca entendi.

Esta é o EXEMPLAR
para memorias etc

Luís





TR. ANDRÉ VALENTE, 9
LISBOA